OPINIÃO SOCIALISTA

Nº592
De 17 de Junho a 1 de Julho de 2020
Ano 23

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

FOTO: YAN MARCELO CARPENTER

FORA BOLSONARO E MOURÃO

PELO LUCRO ACIMA DE TUDO NOS MANDAM PARA O MATADOURO

QUARENTENA TOTAL JÁ,

com garantia de emprego e renda para salvar vidas

PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

CHARGE

Falou Besteira

“Se dependesse de mim, quase nada teria sido fechado

JAIR BOLSONARO, no dia em que o país ultrapassava 40 mil mortes por COVID-19

Mercado da fé

Um levantamento da Agência Pública mostra que, desde o início do governo Bolsonaro, 10% dos gastos da Secretaria de Comunicação da Presidência (Secom) foram com emissoras de pastores evangélicos. No total, foram mais de R$ 30 milhões. A Secom pagou R$ 28 milhões para agências veicularem campanhas na Record de Edir Macedo. O restante foi dividido entre outras igrejas, como a Nossa TV, do pastor R. R. Soares. Essas igrejas e veículos de pastores, que se reuniram com o presidente, devem mais de R$ 194 milhões ao governo. A Igreja Internacional da Graça de Deus, do R.R. Soares, é a maior devedora da União, com uma dívida de mais de R$ 140 milhões. Já os padres e os leigos conservadores que controlam o sistema de emissoras católicas de rádio e TV prometeram “mídia positiva” para ações do governo na pandemia. Pediram, em contrapartida, anúncios estatais e outorgas para expandir sua rede de comunicação. A proposta foi feita no dia 21 de maio, no Palácio do Planalto, em videoconferência com a participação de Bolsonaro, sacerdotes, parlamentares e representantes de alguns dos maiores grupos católicos de comunicação.

A facada de Trump

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante uma coletiva de imprensa, fez críticas ao Brasil quanto ao crescimento da pandemia no país. Procurando desvencilhar-se das críticas feitas à maneira como o governo dos EUA vem tratando a pandemia, Trump soltou na coletiva: “Se você olhar para o Brasil, eles estão passando por um momento muito difícil. A propósito, eles estão seguindo o exemplo da Suécia. A Suécia está passando por um momento terrível. Se tivéssemos feito isso, teríamos perdido um milhão, um milhão e meio, talvez até dois milhões e meio ou mais de vidas.” O “amigo” de Bolsonaro também fechou as fronteiras aéreas para o Brasil. Também circulou na internet uma história de que Trump havia errado o nome do presidente brasileiro e escrito “Javier” Bolsonaro no Twitter. Porém logo foi comprovado que isso não passava de um boato, pois Trump não segue a conta do seu capacho na rede.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Fabrício Last e Victor “Bud”

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

Deboche e hipocrisia

Enquanto morre um brasileiro por minuto de COVID-19, Bolsonaro debocha da pandemia e tenta censurar o número de mortes e contaminações. Ao mesmo tempo, aproveita-se da crise para avançar com os ataques, arrasar o meio ambiente, os povos indígenas e "passar a boiada" como disse seu ministro Ricardo Salles na reunião ministerial de abril.

Tenta passar a boiada também contra os direitos trabalhistas, com o apoio dos banqueiros e dos grandes empresários. Enquanto fechávamos esta edição, o Senado aprovava a MP que suspende jornada, salários e contratos de trabalho. O posto Ipiranga, Paulo Guedes, quer aproveitar que estão todos preocupados em sobreviver à pandemia para passar seu projeto de carteira verde e amarela, que significa a completa extinção do que resta de direitos.

Como se não bastasse, Bolsonaro ainda faz chantagem com autogolpe e seu projeto autoritário, à medida que se vê cada vez mais desgastado e as manifestações a seu favor, mais minguadas.

Já os governadores abandonam as medidas de quarentena nos estados, bastante frouxas e insuficientes por sinal, justo no momento em que o país vê a curva de mortes disparar. Alinham-se a Bolsonaro para mandar o povo ao abatedouro e ainda são hipócritas em culpar a própria população pelo avanço da pandemia.

Não garantiram as mínimas condições para que as pessoas ficassem em casa neste período, com renda e empregos assegurados, muito menos aos moradores das periferias, os mais afetados. Ao contrário, mantiveram os transportes públicos lotados, vários serviços não essenciais funcionando, sem falar na ausência de testes para a população. Agora mandam abrir o comércio e os shoppings e culpam o povo pelas aglomerações.

Tiraram as máscaras e mostraram que a polêmica com Bolsonaro era puro discurso. Todos eles defendem os interesses e os lucros dos capitalistas, mesmo que para isso tenham que mandar milhões para a morte.

FORA BOLSONARO E MOURÃO! EM DEFESA DA VIDA: GARANTIA DE EMPREGO, RENDA E QUARENTENA GERAL

Só há uma forma de evitar uma tragédia ainda maior e salvar vidas: uma quarentena de verdade, em que haja de fato distanciamento social. Isso só é possível garantindo emprego e renda digna, principalmente aos trabalhadores informais e desempregados (leia mais nas páginas 8 e 9). Para garantir isso, é preciso botar para fora Bolsonaro e Mourão e contar com nossas próprias forças e auto-organização.

É preciso nos organizarmos nos locais de trabalho, parar as fábricas que se tornaram grandes focos de contaminação, impedir as demissões em massa e a retirada de direitos. Avançar ainda a organização das periferias em ações de solidariedade para combater a fome e o novo coronavírus e parar o genocídio da juventude negra pela polícia, para lutar contra a ofensiva do governo às liberdades democráticas e botar abaixo Bolsonaro e Mourão.

As manifestações contra o governo que surgiram país afora são extremamente positivas. É falso o argumento da esquerda parlamentar de que são uma provocação a Bolsonaro. Provocação é o que esse governo faz todos os dias, que pode fazer avançar seu projeto autoritário se não houver resistência.

É preciso expandir essas mobilizações, abarcando todos os que estão contra esse governo. Unificar os protestos com os trabalhadores que estão sendo obrigados a trabalhar, com o povo pobre das periferias ou com quem não pode sair de casa. Precisamos organizar um dia nacional de luta, com atos, assembleias nos locais de trabalho (paralisando onde for possível), "dia do luto", panelaços, enfim, tudo o que for possível fazer, massificando os protestos ao máximo. Um dia de luta que aponte para uma greve geral contra o governo, em defesa dos empregos, dos salários e da renda.

UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

Para derrotar e botar abaixo esse governo genocida, seu projeto de morte, de extermínio da juventude negra e de terra arrasada contra os trabalhadores e o povo pobre, precisamos de toda a unidade possível. Unidade com todos os que estejam dispostos a botar um ponto final no governo Bolsonaro e Mourão.

Contudo, se somos inteiramente a favor de unir todos os que estejam contra Bolsonaro para arrancá-lo de lá, não somos a favor de uma frente ampla com a classe dominante para manter este sistema. Nem com o ultraliberalismo de Guedes nem com as reformas por dentro do sistema do PT, que depois de 13 anos no poder deu no que está aí: metade do povo sem saneamento, desemprego em massa etc. Os governos estaduais do PT e do PCdoB, que em nada diferem dos outros partidos, são exemplos de como esse projeto é enganoso.

Precisamos de outra forma de organização da sociedade, não voltada ao lucro, mas às necessidades da maioria do povo. Uma sociedade na qual os trabalhadores governem por meio de um governo socialista, baseado em conselhos populares. Para isso, precisamos construir um partido revolucionário e socialista.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2UWT0FW

VOLTA INESPERADA

Retorno do Ministério das Comunicações pode indicar mais do que parece

Recriação do ministério não estava no radar do governo e afeta diretamente a ala militar

JORGE H. MENDOZA, DE SÃO CARLOS (SP)

Na última semana, Bolsonaro anunciou a recriação do Ministério das Comunicações e a nomeação de Fábio Faria (PSD-RN) para comandar a pasta. O deputado é genro de Silvio Santos e não demorou para que a internet logo apelidasse o SBT de "Sistema Bolsonarista de Televisão".

Com a recriação, Bolsonaro contradiz uma de suas promessas de campa-nha de manter em seu governo apenas quinze ministérios. Numa transmissão ao vivo um dia depois do anúncio, Bolsonaro se justificou dizendo que havia exagerado na época e que seria impossível, num país continental como Brasil, governar com poucos ministérios.

APROXIMAÇÃO COM O CENTRÃO

A motivação mais evidente para a recriação do ministério é a criação de cargos e controle de verbas para distribuir entre aliados políticos. Como se diz, é o velho toma-lá-dá-cá. Num momento em que cresce a desaprovação do governo, a economia míngua sob pandemia, os escândalos de corrupção, as investigações e os pedidos de impedimento aumentam, o presidente tenta se agarrar ao que pode para se safar.

Porém, para Bolsonaro, que sempre disse que jamais faria esse jogo, uma decisão como essa não soaria muito bem. Por isso a escolha de Fábio Faria passou ao largo de Gilberto Kassab, dono da legenda e que já foi ministro das Comunicações no governo Temer. Dissimulado, Bolsonaro disse sequer lembrar de qual partido Fábio era ao indicá-lo.

Bolsonaro, o Ministro da Comunicação Fabio Faria e o seu sogro Silvio Santos

A indicação por fora do cacique do PSD garante a Bolsonaro a tranquilidade para dizer que "não negociou com o centrão" ao mesmo tempo em que tenta amarrar o PSD ao governo. Kassab, que é um oportunista de longa data, lava as mãos e, de forma muito conveniente, finge que não é com ele.

Fábio Faria inclusive é visto pelos seus pares como uma pessoa moderada. Por comodidade ou por simples interesse eleitoral, é fato que Faria votou em Lula e Dilma embora tenha votado a favor do impedimento em 2016. O gesto de Bolsonaro ao nomeá-lo é um sinal para Rodrigo Maia (que atualmente é quem protege Bolsonaro dos pedidos de impeachment) e também para a grande imprensa, com a qual Bolsonaro não tem a melhor das relações.

MUDA O FOCO

BOLSONARO QUER SAIR DA MIRA DE INVESTIGAÇÕES

Bolsonaro não quer apenas fazer um gesto para Rodrigo Maia e mandar um recado para os militares. Com a recriação do Ministério das Comunicações, ele quer também se esquivar de investigações como as da CPI das Fake News. Embora a mudança não afete em nada o Gabinete do Ódio de Carlos Bolsonaro, a CPI vinha apontando irregularidades na propaganda do governo, que chegou a pagar por publicidade até em sites pornográficos segundo o relatório da comissão. Em maio, o Tribunal de Contas da União (TCU) também havia apontado irregularidades nas propagandas do governo. Não à toa, Bolsonaro decide abrir mão da Secom uma semana depois de divulgado o relatório.

DESGASTE

Recriação de ministério pode indicar incômodo com militares

Fabio Wajngarten, chefe da Secom de Bolsonaro foi esvaziado

Sob Bolsonaro, o Ministério das Comunicações volta a existir, mas como novas atribuições. Historicamente, sempre coube à pasta a regulação sobre as empresas de telefonia, de internet e de assuntos relacionados às concessões de rádio e TV. A novidade aqui é o fato de que a Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom), responsável pela propaganda do governo, vai passar para o ministério.

A passagem da Secom, comandada por Fábio Wajgarten, para o ministério a desloca da Secretaria de Governo, que tem o general Luiz Eduardo Ramos à frente. A Secom também está no centro de uma disputa entre a ala militar e o chamado Gabinete do Ódio, de Carlos Bolsonaro. Por um lado, há tempos que Carlos pressiona para que a comunicação do governo assuma a linha das fake news e do discurso de ódio contra qualquer um que não apoie o governo. Vale lembrar que Carlos foi o protagonista da saída do general Carlos Alberto dos Santos Cruz, que antecedeu o general Ramos na Secretaria de Governo.

Por outro lado, o general Braga Netto, da Casa-Civil, vinha desenvolvendo ações de comunicação paralelas às da Secom, numa tentativa de contornar a interlocução caótica do presidente com a imprensa durante a pandemia. Para o núcleo duro do bolsonarismo, foi uma tentativa de esvaziar a Secom. A passagem da Secom para o Ministério das Comunicações afeta ainda outros dois generais que podem perder o cargo: Rêgo Barros, porta-voz do governo, e Luiz Carlos Pereira Gomes, presidente da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). A movimentação de Bolsonaro, portanto, pode ser vista também como um recado à ala militar que tenta tutelar Bolsonaro em seu governo.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2Y7TKVV

ENTREVISTA

"Entregar comida com estômago vazio é tortura"

O Opinião conversou com Paulo Lima, 31 anos, morador do Jardim Guarau, periferia da Zona Oeste de São Paulo, organizador do movimento Entregadores Antifascistas

ROBERTO AGUIAR,
SALVADOR (BA)

A luta dos entregadores ganhou destaque após a participação dos Entregadores Antifascistas nas manifestações contra o governo e com a publicação de um vídeo em que você chama os entregadores a se unirem. Como surgiu o movimento? Quais as reivindicações?

Paulo Lima – No dia 21 de março, dia do meu aniversário, em meio à pandemia, fui bloqueado pela Uber de forma injusta. Foi quando resolvi fazer o primeiro vídeo, que foi compartilhado pelo The Intercept Brasil e viralizou. Aproveitando isso, organizei um abaixo-assinado que hoje já conta com mais de 300 mil assinaturas. Comecei a ir pra rua conversar com os outros entregadores, falando da necessidade e da importância de a gente se organizar e ir para a luta. Descobri que tinham vários que se sentiam empreendedores, que acreditavam nessa mentira de achar que são empreendedores e não trabalhadores. Muitos começaram a me mandar pra Cuba, diziam que eu estava lutando pelas coisas erradas, que [reivindicar] alimentação não era o certo, e sim ter taxas melhores.

No dia 5 de maio, ocorreu uma manifestação na Av. Paulista, quando reunimos 20 entregadores e tentamos fechar a avenida. Mas a polícia começou a fechar o cerco. Foi quando falei aos colegas que teria um ato no domingo, que seria importante a gente ir, ver como funciona uma manifestação grande para podermos fazer a nossa. Aí perguntaram como seria o nome do nosso movimento. Foi quando propus Entregadores Antifascistas.

A nossa reivindicação principal é comida mesmo, mano. Primeiramente comida. Vamos lutar para que as empresas de aplicativos garantam café da manhã, almoço e janta. No futuro, outras lutas, outras reivindicações virão. A nossa luta maior é fazer os aplicativos reconhecerem o vínculo empregatício, mas por enquanto estamos fazendo uma luta por vez. Um trabalho de formiga para criar um formigueiro.

Qual a avaliação que você faz do governo Bolsonaro?

Paulo – As manifestações de ruas são antirracistas, antifascistas e em defesa da democracia. Não temos como desvincular nossa luta dessas manifestações. Pra gente gritar contra a fome, precisa ter democracia, para ter o direito de gritar e ser ouvido. Sem democracia, o que teremos é o autoritarismo no poder. Manda quem pode, obedece quem tem juízo. Ou seja, se a democracia for extinta mais uma vez em nosso país, todo mundo terá que abandonar suas lutas, suas pautas e centrar em uma única pauta que é o restabelecimento da democracia. Isso não é bacana. As liberdades democráticas que temos hoje foram garantidas com lutas. Temos que lutar para não perdê-las.

Paulo 'Galo' Lima do movimento dos entregadores antifascistas

Como é entregar comida com o estomago vazio?

Paulo – Acredito que a alimentação é um direito básico para o trabalhador. A parte mais doida é você trabalhar com fome entregando comida. Entregar comida com estômago vazio é tortura. E não é comida ruim, é só comida boa: estrogonofe de camarão, lagosta, carpaccio. São Paulo é uma cidade gastronômica, mas nós entregadores não sabemos o gosto de nenhuma dessas comidas.

A pandemia escancarou a precarização do trabalho dos entregadores. O iFood conseguiu derrubar a liminar que obrigava a empresa a pagar entregadores afastados por COVID-19. Como está a situação de vocês?

Paulo – As empresas de aplicativos não têm diálogo saudável com os entregadores. Somos obrigados a falar com um robô. Quando o robô percebe, depois de muito tempo, que não consegue resolver nossas demandas, aí passa para um atendente de telemarketing. O atendente segue o protocolo de uma cartilha, ele não consegue responder nada pra gente que esteja fora da cartilha. Esse é o tipo de relacionamento dos aplicativos com os entregadores.

Isso é um relacionamento não saudável. Inclusive fazem de tudo para derrubar nossas conquistas, como foi o caso da liminar que obrigava as empresas a pagarem aos entregadores afastados por terem sido infectados com COVID-19, que foi derrubada pelo iFood. Eles têm ótimos advogados, que atuam todos os dias para não deixar nenhum rastro de vínculo empregatício, pois caso apareça qualquer prova contra eles, teriam que assumir o vínculo. O valor de mercado deles está sustentado nesse ponto. O não vínculo empregatício os coloca no topo no valor de mercado, o reconhecimento do vínculo os faria cair. A luta deles é fazer com que esse valor de mercado não caia.

Tem um bando de empresários, de capitalistas selvagens, que torce para esse tipo de modelo de negócio vingar para implantarem na área deles. O lance dos aplicativos que não dão direito nenhum aos trabalhadores é um paraíso em que vários outros capitalistas querem morar. Os aplicativos são condomínios de luxo em que muitos capitalistas querem morar. Não tem que garantir direitos trabalhistas. Não paga salário, não precisa pagar férias nem alimentação. Isso é muito bacana pra eles. Por isso nossa luta é difícil, e muitas pessoas ainda ficam com dúvida se precisa mesmo fazer tudo que estamos fazendo pra conseguir um prato de comida. Como precisa.

Entregadores antifascistas na Av Paulista

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2AAAAWG

INDÍGENAS

COVID-19: não há um mesmo barco, mas uma terra na qual invasores continuam desembarcando

GABRIELA HIPÓLITO, DE BELÉM (PA)

A analogia utilizada por muitos organismos internacionais, de que o novo coronavírus colocaria todo mundo no mesmo barco, nega duas vezes a realidade indígena. Não só não estão no mesmo barco, como também, em terra firme, todos seus territórios ainda são vistos como territórios de conquista. Seus direitos continuam sendo questionados de forma criminosa, mesmo com sua presença histórica sendo inquestionável.

Para os indígenas, não há uma guerra apenas contra o vírus, existem várias. Se o capitalismo é nossa pandemia há 500 anos, em 2020 invadir territórios indígenas para o garimpo e o agronegócio é uma prática recorrente.

SUBNOTIFICAÇÃO CONTRA OS INDÍGENAS

O apagão de dados ao qual Bolsonaro submeteu todo o Brasil está acontecendo com os povos indígenas desde o começo da pandemia. Os números oficiais do governo revelam um racismo estrutural. A contagem de infectados e mortos obedece a uma limitada classificação de quem seria indígena. A Sesai, responsável pela saúde indígena, contabiliza apenas os indígenas afetados dentro das aldeias e não o conjunto de indígenas do país.

Isso mascara o impacto real do coronavírus nessas populações e prejudica a atuação com a rapidez e eficácia necessárias. Em 15 de junho, a diferença entre esses dados só na Amazônia (que concentra 85% dos casos) subnotificava 65% das mortes e 35% dos casos (Coiab). Segundo a Apib, no dia 13 de junho, 3.300 indígenas já tinham sido infectados e 279 morreram.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3HC9YVU

#FORAGARIMPO #FORACOVID

Existir é resistir se organizando

O governo mascara números, negligencia e dificulta o acesso ao tratamento e à prevenção, além de incentivar o passo da boiada, como disse o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Enquanto isso, os povos indígenas resistem. Desde março, as comunidades do país todo estão fechando seus acessos, sistematizando informações em diversas línguas, organizando campanhas e produzindo diálogo com os não indígenas.

Essa é uma atuação muito responsável e produtiva, porém não tem condições de conter a entrada do novo coronavírus. Isso acontece porque não existe um "fique em casa" para os indígenas se a casa deles está sendo constantemente invadida. Os Yanomami, nação indígena entre Amazonas e Roraima, lançaram recentemente a campanha #ForaGarimpo #ForaCovid, explicitando essa situação. São calculados ao redor de 20 mil garimpeiros na reserva.

Reservas que poderiam ter sido protegidas do vírus, como o Parque Nacional do Xingu (Mato Grosso) e a Raposa Serra do Sol (Roraima), estão sob ameaça. Na Raposa Serra do Sol, são estimados 2 mil garimpeiros ilegais. Inclusive os indígenas isolados em várias terras indígenas sofrem essa ameaça. Ou seja, não há forma de defender as vidas indígenas sem combater o garimpo, o agronegócio, o desmatamento (177% maior que abril de 2019) e todo tipo de invasão desses territórios (organizações religiosas, narcotraficantes, caça e pesca ilegais).

MEDIDAS SANITÁRIAS E DE SEGURANÇA URGENTES

O projeto de Lei 1142/20, que ainda espera ser aprovado pelo Senado, é uma iniciativa de lideranças indígenas e parlamentares para conter a pandemia, avançando principalmente com relação ao apoio aos indígenas não aldeados e à organização de conjunto da Sesai para a saúde e também dispõe segurança alimentar das comunidades. É uma iniciativa importante, porém insuficiente para o cenário real das comunidades. Enquanto não enfrentarmos a exploração econômica e a invasão das terras indígenas a fundo, infelizmente os povos estarão ameaçados.

AUTO-ORGANIZAÇÃO E AUTODEFESA

Necessidades imediatas para garantir as vidas indígenas

Os indígenas estão mostrando ao país toda sua capacidade organizativa, informativa e de ações efetivas para se defender do descaso e da inoperância criminosa do governo. Infelizmente, isso não basta para impedir a invasão ilegal de seus territórios, incentivada por Bolsonaro, pelas grandes empresas e pelo agronegócio e concretizada por garimpeiros e grileiros.

Muitas são as lideranças ameaçadas ao denunciar esse processo e muitas já são as vidas perdidas. É fundamental apoiar de forma política e material a autodefesa das comunidades indígenas, dialogar e explicar aos não indígenas suas necessidades e fortalecer uma solidariedade ativa que possa concretizá-la.

Defender e lutar pelos direitos dos povos indígenas é tarefa imediata para todos nós que defendemos o "Fora já Mourão e Bolsonaro!". A defesa permanente da diversidade de culturas e povos deve ser bandeira de todos que buscam uma sociedade sem opressão e exploração entre os seres humanos.

REABERTURA

Governos mandam o povo para o abatedouro

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

No dia 12 de junho, o Brasil ultrapassou o Reino Unido no número de mortes pela COVID-19, subindo para o 2º lugar deste ranking macabro, atrás somente dos Estados Unidos. Naquele dia, o país ultrapassou as 41 mil mortes notificadas. Até o momento, já são quase 45 mil.

Nesse ritmo, a projeção da Universidade de Washington, referência utilizada pelo governo estadunidense, aponta que passaremos os EUA no dia 27 de julho, com um total de 137 mil mortes. Como todo cálculo matemático, ele parte de vários pressupostos e da situação na qual foi elaborado. Ou seja, se a epidemia piorar, e a ação dos governos caminham para isso, podemos superar os EUA bem antes.

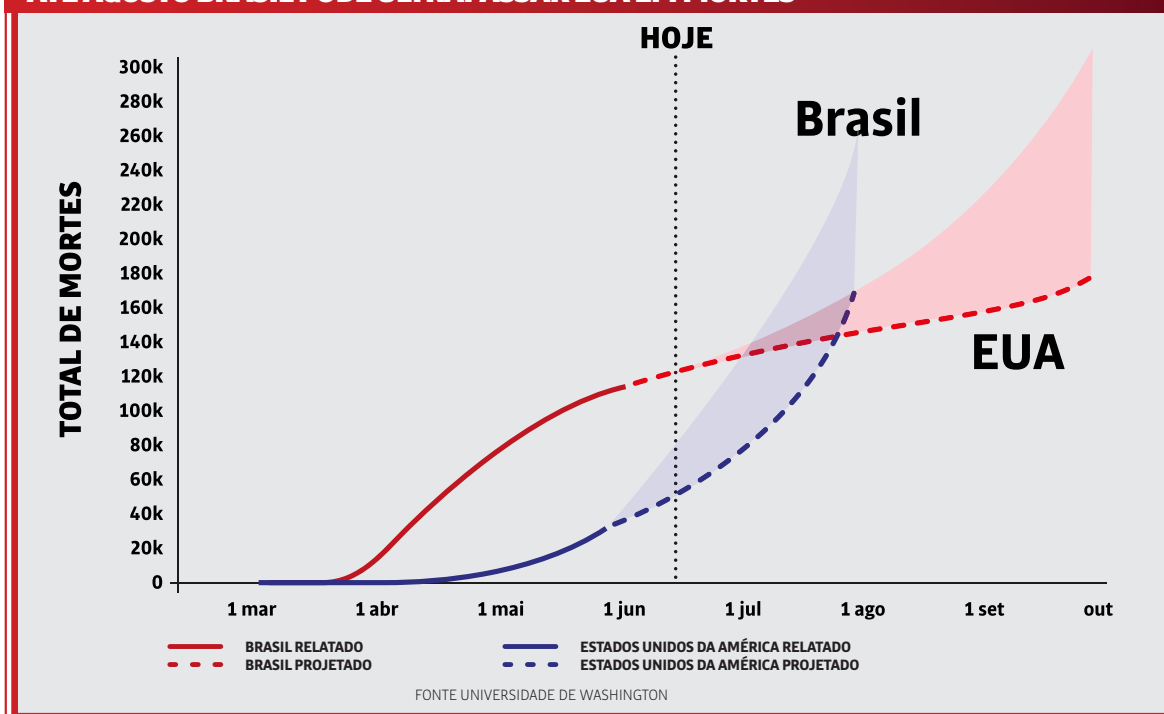
ESTADOS CAPITULAM AO GENOCÍDIO DE BOLSONARO

De um lado, temos o governo Bolsonaro e seu discurso que, desde o início, minimiza a pandemia, debocha das mortes e pressiona pela reabertura da economia, boicotando qualquer medida de isolamento. De outro, temos governadores, seguidos pelos prefeitos, que determinam a volta ao trabalho no momento em que nos aproximamos do pico da pandemia, que se alastra de forma feroz pelas periferias. Antes disso, também não realizaram uma quarentena real, fechando os setores não essenciais e garantindo condições para que as pessoas ficassem em casa.

Liderado pelo governador de São Paulo, João Doria (PSDB), esse movimento de flexibilização da quarentena ou "quarentena inteligente" (maneira bonita de chamar o liberou-geral) é comparado por especialistas com mandar o povo ao abatedouro. Não é difícil entender a razão. Um levantamento da USP e da Fundação Getúlio Vargas mostra que, se o estado continuasse em sua quarentena ainda que parcial, teríamos 14,6 mil mortes até o dia 8 de julho. Abrindo tudo como faz Doria, esse número pula para quase 25 mil. Política seguida por Witzel (PSC) no Rio, mas também pelos governos do PT, como o de Camilo Santana no Ceará, e do PCdob com Flávio Dino no Maranhão.

Nos momentos iniciais da crise, os governadores tentaram se diferenciar da política abertamente genocida de Bolsonaro, mas nunca impuseram uma quarentena de verdade. Liberaram o funcionamento dos setores não essenciais, transformando as fábricas em focos de contaminação (veja o box na página seguinte), mantiveram os transportes públicos lotados e não garantiram condições para que a população das periferias pudesse fazer isolamento. Na capital paulista, o prefeito Bruno Covas (PSDB) manteve as reintegrações de posse, despejando famílias inteiras nas ruas em plena pandemia.

Governadores e prefeitos estão literalmente tirando as máscaras. Pressionados por grandes empresários e banqueiros, acabam com a quarentena frouxa, mentindo à população com o argumento de que se baseiam em critérios técnicos e científicos. É praticamente consenso entre os epidemiologistas que este não é o momento de abrir, mas de fechar mais.

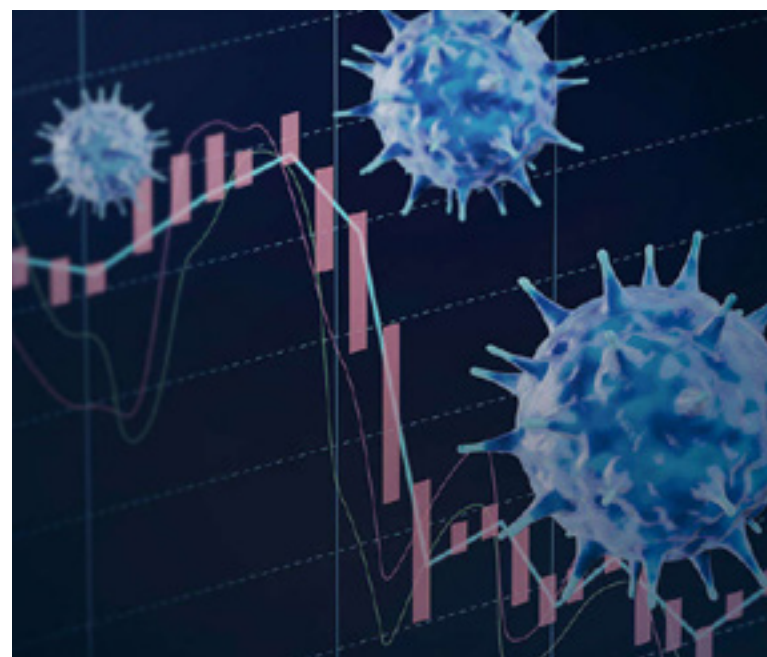
A Organização Mundial de Saúde (OMS) determina a volta gradual quando os casos de contaminação e de mortes se reduzem de forma sustentada por pelo menos duas semanas, situação que não existe em nenhuma região do país. Mas os governadores se apoiam na subnotificação e nos números maquiados para impor a reabertura completa, atendendo à pressão dos capitalistas. Ainda culpam de forma hipócrita a população pelas aglomerações, ao mesmo tempo em que nada fazem para que o povo possa ficar em casa.

CAPITALISMO MATA

Em todo o mundo, pandemia mostra o lucro acima da vida

Em nenhum lugar do mundo está sendo implementada uma política genocida tão explícita quanto no Brasil. No entanto, em vários outros lugares em que a COVID-19 ainda não está controlada, os governos também cedem à pressão dos grandes empresários e banqueiros em detrimento da vida da população.

Nos EUA, país que ainda lidera o número de mortes, o presidente Donald Trump e os governadores reabrem a economia antes de a pandemia ter sido freada e já assistem ao crescimento do número de casos e mortes. A população negra, pobre e latina é a mais afetada.

A Índia, que chegou a ter a maior quarentena do mundo, reabriu em junho e agora figura em quarto lugar no número de infectados, atrás só dos EUA, do Brasil e da Rússia. Aqui na América Latina, o presidente dito progressista do México, López Obrador, depois de insistir no negacionismo à la Trump e Bolsonaro, foi obrigado a adotar medidas de quarentena, ainda que frouxas. Porém logo reabriu o país, sobrecarregando os hospitais.

Situação ainda mais grave ocorre no Chile, que começou sua reabertura ainda em maio. O governo de Sebastián Piñera, a fim de proteger os lucros, determinou a reabertura e viu o número de casos explodir, tendo hoje o maior número de casos per capita do continente.

CRIMINOSO

Bolsonaro tenta censurar números para esconder genocídio

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

No início, era uma gripezinha. Com o aumento da pilha de mortos pelo novo coronavírus e o Brasil galgando o ranking mundial da pandemia, Bolsonaro mudou sua tática e resolveu torturar os números oficiais para que falem o que ele deseja. Ordenou a mudança nos critérios de divulgação diária dos números, a fim de esconder os mortos debaixo do tapete, e o seu ministro interino da Saúde, general Eduardo Pazuello, atendeu.

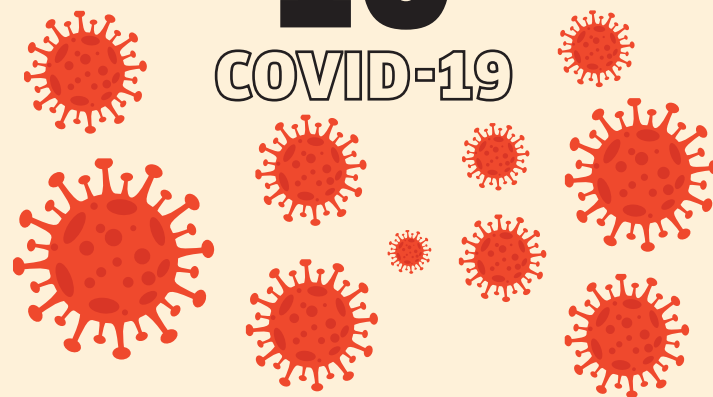
Em vez da soma total do número de casos confirmados de COVID-19, como ocorria antes, o governo ordenou a divulgação somente das mortes ocorridas no próprio dia. Por exemplo, em muitos casos, a confirmação de testes demora cinco dias, uma semana ou até mais, de modo que o número divulgado de óbitos no dia é a soma do resultado desses testes (como ocorre nos outros países). Quando o país ultrapassou a marca da confirmação de mil mortes por dia, Bolsonaro mandou mudar esse sistema.

O caso foi mais um escândalo internacional ao mostrar o desprezo e o caráter autoritário desse governo em meio à mais grave crise sanitária dos últimos 100 anos. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, expediu liminar mandando o governo voltar ao sistema antigo de divulgação. Mesmo assim, por meio da sua Secretaria de Comunicação, o governo esconde como pode as informações, destacando o número de recuperados, a fim de distorcer a tragédia e o morticínio a que submete a população.

A REALIDADE É BEM PIOR

Desde a chegada da COVID-19 ao Brasil, a subnotificação foi a constante, jogando o número real de mortos e contaminados para debaixo do tapete. Hoje, calcula-se que, para cada dez pessoas que entram nos números oficiais de óbitos por coronavírus, outras oito entram para outra estatística: a da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG). Essa informação é levantada pelo InfoGripe da Fiocruz, criado para monitorar o número de mortes por gripe comum. Acontece que, este ano, o número de mortes por problemas respiratórios sem causa definida explodiu, sendo 13 vezes maior que no ano passado.

E qual o maior problema disso? São esses dados subnotificados que são usados como justificativa para a reabertura de comércios e shoppings e para as aglomerações no transporte público.

SAIBA MAIS

OU REDUZIR À METADE

Governo ameaça acabar com auxílio emergencial

Se no início da pandemia Bolsonaro queria pagar um auxílio emergencial de R$ 200 apenas, sendo obrigado a aceitar os R$ 600, valor ainda absolutamente insuficiente, agora ameaça reduzir à metade ou simplesmente acabar com tudo.

"Na Câmara, por exemplo, vamos supor que chegue uma proposta de duas de R$ 300, se a Câmara quiser passar para R$ 400, R$ 500 ou voltar para R$ 600, qual vai ser a decisão minha? Para que o Brasil não quebre? Se pagar mais duas de R$ 600, vamos ter uma dívida cada vez mais impagável. É o veto", disse em sua live semanal do dia 11 de junho. Dessa forma, o governo quer pagar só mais duas parcelas de R$ 300 do auxílio.

Por outro lado, o governo, e Paulo Guedes, quer estender por mais quatro meses a suspensão dos contratos de trabalho, além de impor a carteira verde e amarela.

O governo impõe, assim, a fome e a miséria ao conjunto da população, forçando a volta ao trabalho e expondo a classe trabalhadora ao vírus. Ainda se aproveita da pandemia para retirar mais direitos. Na escolha entre matar de fome ou de COVID-19, Bolsonaro escolheu os dois.

LUCRO ACIMA DE TUDO

FÁBRICAS VIRAM FOCO DE CONTAMINAÇÃO

No último dia 13 de junho, o operário da Imbel, estatal de material bélico em Itajubá (MG), Raimundo Lourenço Simões, morreu vítima da COVID-19. Apesar de ter sido internado uma semana antes, a empresa não comunicou o conjunto dos trabalhadores sobre o caso e o perigo de contaminação, colocando centenas de operários em risco.

Casos como esse se multiplicam país afora. As vidas dos trabalhadores, de suas famílias e da população são colocadas em risco em nome do lucro. A fábrica da JBS em Caxias do Sul (RS), por exemplo, só parou quando a Justiça do Trabalho mandou, após a confirmação de 21 trabalhadores portadores de COVID-19, com dois hospitalizados.

Caso parecido ocorreu na fábrica do mesmo grupo em Santa Catarina. Uma unidade da Seara, na cidade de Ipumirim, contou 86 casos confirmados, quase 5% dos 1.500 trabalhadores do local. Já numa fábrica da Alpargatas em Campina Grande (PB), pelo menos 30 operários ficaram doentes.

Na região de São José dos Campos, no Vale do Paraíba (SP), são 15 casos confirmados e 17 suspeitos em fábricas metalúrgicas. Por isso o sindicato, filiado à CSP-Conlutas, luta pela imposição da quarentena geral dos serviços não essenciais e está na campanha pelo fora Bolsonaro e Mourão.

DITADURA NUNCA MAIS! NÃO AO RACISMO!

Fora Bolsonaro e Mourão

Manifestações contra o governo e o racismo se espalham pelo país

No dia 31 de maio, setores de torcidas organizadas de times como Corinthians e Palmeiras foram às ruas da capital paulista protestar contra o governo Bolsonaro e o racismo. Foi um grito de "basta" contra o genocídio perpetrado por Bolsonaro, seus sistemáticos ataques e ameaças às liberdades democráticas, assim como os assassinatos em série praticados pela Polícia Militar, como o do menino João Pedro. A manifestação foi reprimida com violência pela polícia, mas isso não impediu que se espalhasse pelo país nos dias seguintes.

Embaladas pelos protestos que se irradiaram a partir dos EUA contra o assassinato de George Floyd, no domingo seguinte as manifestações ocorreram em pelo menos 20 capitais, reunindo o movimento negro, sindical e popular, além de jovens da periferia e trabalhadores precarizados, como os entregadores de aplicativos.

As manifestações seguem ocorrendo, conquistando apoio popular à medida em que o desgaste e o ódio ao governo se aprofundam e as manifestações da ultradireita pró-ditadura minguam.

Desde o início, o PSTU esteve presente nos atos, defendendo que os protestos assumam as reivindicações da classe trabalhadora e do povo pobre, como uma quarentena de verdade com garantia de emprego e renda e apoio ao pequeno negócio; a luta contra o racismo e a defesa das liberdades democráticas; e, sobretudo, fora Bolsonaro e Mourão!

Lamentavelmente, dirigentes e partidos da esquerda parlamentar criticaram os protestos alegando se tratarem de provocações ao bolsonarismo, que se utilizaria deles para dar um golpe no país. Provocações são justamente as manifestações apoiadas por Bolsonaro que defendem ditadura. Sem resistência, Bolsonaro vai esticando a corda para sufocar as liberdades democráticas e continuar impondo seu projeto de genocídio e fome.

O governador do Ceará, Camilo Santana, do PT, reprimiu o protesto em seu estado, justificando-se de forma hipócrita, dizendo que haveria um decreto contra aglomerações. Ao mesmo tempo, ele comanda a reabertura num dos estados mais afetados pela COVID-19. É a mesma situação no Pará de Helder Barbalho (MDB).

É preciso avançar a mobilização, unindo as manifestações num dia unificado de lutas que possa abarcar os trabalhadores que estão sendo obrigados a trabalhar, para que possam protestar nos locais de trabalho, nas ocupações e na periferia, juntando-se ainda a panelaços massivos, protestos nas janelas com panos pretos etc.

LARGO DA BATATA EM SP

REPRESSÃO NO CEARÁ

RIO DE JANEIRO

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2YBU1CL

REBELDIA CURITIBA

PORTO ALEGRE

PLANO DE EMERGÊNCIA

Quarentena geral já, com emprego e renda!

Não adiantam as mentiras propagadas por Bolsonaro e reproduzidas pelos governos estaduais e municipais. A situação não está melhorando, e o número de mortes só aumenta. A única solução possível para conter essa crise é a quarentena geral, parando todo o serviço não essencial e garantindo os empregos e a renda de trabalhadores, desempregados e informais, com todas as condições para que as pessoas possam ficar em casa e para que a população, sobretudo os mais pobres, tenha direito a pleno acesso aos serviços de saúde.

 Parar tudo o que não for essencial, com garantia de emprego e renda.

 Pagar os R$ 600 para todos até o surgimento da vacina e aumentar esse valor para 2,5 salários mínimos.

 Realizar testes massivos para todos! O Brasil tem apenas 7,6 testes para cada 1 milhão de pessoas, estando no 113º lugar nesse quesito, atrás de países como Gana, Palestina, Iraque e Nepal. É preciso colocar toda a estrutura de laboratórios privados a serviço do Estado para garantir a universalização dos testes.

 Implementar a fila única de leitos, centralizada pelo SUS, sem mediação de empresas privadas ou organizações sociais metidas em corrupção. Só dessa forma será evitado o colapso da saúde, com os pobres morrendo sem respirador enquanto o rico tem condições de se tratar.

 Garantir isolamento social nas periferias, requisitando imóveis vazios e hoteis.

 Conceder crédito para o pequeno negócio, isenção de impostos e garantia do pagamento dos salários dos funcionários dos negócios com até 20 trabalhadores.

 Isentar desempregados e informais do pagamento de luz, água e aluguel.

GRANA

De onde tirar esses recursos para o Plano de Emergência?

Dinheiro tem, como bem mostrou o governo ao conceder R$ 1,2 trilhão aos bancos no início da pandemia. Basta atacar os lucros dos bancos e das grandes empresas.

Suspensão do pagamento da dívida aos bancos: todo o ano o governo paga R$ 1 trilhão de juros e amortizações dessa falsa dívida.

Requisitar o lucro de um ano dos 5 maiores bancos: só em 2019, foi de R$ 102 bilhões.

Usar os US$ 350 bilhões da reserva internacional que hoje servem à especulação.

COMO GARANTIR ISSO

Luta, mobilização e auto-organização

Para enfrentar a pandemia, é necessário mobilização para tirar Bolsonaro e Mourão, que boicotam o combate ao vírus.

 Fomentar a auto-organização popular nas periferias e ações de solidariedade, como ocorrem hoje em Paraisópolis e na Brasilândia em São Paulo (SP).

 Parar as fábricas e locais de estudo que estejam funcionando.

É preciso um plano de mobilização geral que envolva o movimento de massas, com assembleias, "dias de luto" ou de "cor", que todos vão trabalhar adesivados, panelaços com panos pretos nas janelas, somados aos protestos contra o governo, rumo à construção de um dia de paralisações. É preciso parar tudo em defesa da vida, do emprego, do salário e da renda de modo que todos possam fazer isolamento social.

51 ANOS DA REVOLTA DE STONEWALL

Precisamos retomar as ruas e incendiar "Babylon"

PEDRO HENRIQUE FERREIRA
E ALEX FIGUEIREDO,
DA SECRETARIA LGBT
DO PSTU (RJ)

Em 28 de junho de 1969, milhares de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros (LGBTs) de Nova Iorque bateram de frente com a opressão numa verdadeira rebelião contra a lgbtfobia. Durante quatro dias, fecharam as ruas com barricadas, enfrentaram a polícia e ganharam apoio da população e dos movimentos sociais.

Na época, 49 dos 50 estados dos EUA criminalizavam os "comportamentos homossexuais" com leis tão bizarras como a que proibia que uma pessoa portasse mais de três peças de roupas ou adornos do "sexo oposto" e resultavam em cenas brutais de humilhação, espancamentos e prisões por parte de uma força policial que ainda lucrava com esquemas de corrupção em parceria com os donos dos pontos de encontro no gueto. Além disso, LGBTs sofriam com tratamentos desumanos e internações compulsórias, já que a "não heterossexualidade" era considerada uma doença mental.

STONEWALL: CORAÇÕES, MENTES E RUAS EM CHAMAS

O epicentro da rebelião foi o Stonewall Inn, um bar frequentado por pessoas que, como descrito na época, "não tinham nada a perder": jovens expulsos de casa, travestis, transexuais e drags, muitas delas negras e latinas, como as trans Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson, que estiveram na linha de frente do confronto.

Os policiais foram encurralados e trancados no boteco que, por pouco, não foi incendiado por uma multidão cuja rebeldia assumiu forma de radicalidade e deboche. Primeiro, voaram moedas; depois, tijolos. Em poucas horas, foram levantadas barricadas, o que transformou a região em território livre.

No meio da luta, houve um intenso processo de organização das LGBTs. Foi ali que nasceram grupos como o Gay Liberation Front (GLF, Grupo de Libertação Gay), um dos principais responsáveis pela primeira Parada do Orgulho Gay um ano depois. Também foi lá que se estreitaram os laços com outros movimentos (negro e feminista em particular) e organizações políticas de esquerda.

NÃO MUITO A COMEMORAR

Stonewall não foi a primeira rebelião nem o primeiro movimento LGBT. Contudo, foi fundamental para tudo o que veio depois. Sabemos que ainda hoje há muito pelo que lutar. A marginalização e a violência não foram erradicadas. Diversos direitos conquistados em décadas de luta seguem na corda bamba.

Com a COVID-19, isso está pior. As LGBTs enfrentam enormes obstáculos para garantir renda e manter o isolamento social, até porque estão nos piores postos de trabalho, no subemprego e na informalidade, quando não sujeitas à prostituição, como é o caso de 90% das transexuais.

Para as LGBTs jovens, a quarentena pode tornar-se um pesadelo em função do aumento da violência doméstica e da ameaça de expulsão de casa, em particular no Brasil, que há décadas ocupa o vergonhoso posto de país onde mais LGBTs são mortas, numa média de uma pessoa a cada 26 horas. Só em 2019, foram 297 homicídios e 32 suicídios. Os efeitos colaterais da pandemia são exemplificados com um dado: entre janeiro e março, foi registrado um aumento de 90% no número de assassinatos de pessoas trans.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3HBVOIZ

MERCADO X LUTA

Para além do arco-íris

Lamentavelmente, hoje nem sequer o caráter rebelde e radical de Stonewall e da luta contra o racismo nos EUA estão presentes na maioria dos movimentos LGBTs. As paradas do Orgulho LGBT geralmente são despolitizadas e financiadas pelo "Pink Money" (grandes empresas ou parcerias com governos) que lucram com o evento, enquanto cotidianamente nos oprimem, exploram e marginalizam.

O exemplo de São Paulo, a maior Parada do mundo, é lamentável. Há décadas, ocorre no feriado para atender à demanda do turismo. Isso foi mantido em 2020, apesar de ter sido virtual, como exemplo do desprezo ou do distanciamento proposital do significado de Stonewall.

Convidamos a todos e todas a reviver a Revolta Stonewall num vídeo-ato, nas redes sociais, no próximo 28 de junho, no qual discutiremos as lições de Stonewall e como fazer avançar a luta contra a lgbtfobia, numa perspectiva revolucionária, socialista e internacionalista, que seja construída em unidade com o conjunto da classe trabalhadora, das mulheres, dos negros e negras, dos indígenas e dos demais setores oprimidos e explorados.

Vamos ecoar a rebeldia LGBT, mas também fazer avançar a erradicação de toda forma de opressão: com a necessidade de se organizar um partido revolucionário que contribua para a construção de uma sociedade, na qual seja possível viver de forma plena toda a diversidade. Uma sociedade que renasça das cinzas da chamada "Babylon" (o capitalismo), como defendido num dos panfletos que circulou por Stonewall.

DESAFIO

Barrar a direita, os conservadores e os fundamentalistas

Para Bolsonaro, Mourão, Damares e seus aliados, quanto mais LGBTs forem assassinadas ou morrerem, melhor. Esse governo tem as mãos sujas com o nosso sangue e ainda diz "E daí?" para milhares de mortes. O mesmo pode ser dito sobre o país que foi berço da Rebelião de Stonewall, com Trump igualmente lgbtfóbico e genocida.

Porém, hoje, também é dos EUA que vem o exemplo a ser seguido. A luta contra o assassinato de George Floyd e a violência racista e policial está colocando o sistema estadunidense em xeque, questionando a base da democracia dos ricos e dando exemplos sobre a importância da unidade e da organização dos de baixo para lutar por uma sociedade justa, igualitária e livre.

FORMAÇÃO

O que é fascismo e como combatê-lo

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Há um forte interesse em entender o que é o fascismo, que está diretamente relacionado ao surgimento de pequenos grupos fascistas apoiadores de Bolsonaro ou às referências explícitas que o próprio governo faz ao fascismo. Por exemplo, o surgimento do grupelho 300 do Brasil, que defende um golpe, fechamento do Congresso Nacional e do STF e extermínio da esquerda; ou ainda quando o próprio presidente repete nas redes sociais frases de Benito Mussolini, líder fascista italiano.

Nas últimas décadas, generalizou-se uma tendência de definir como fascista todo movimento, governo ou político reacionário de direita. Dessa forma, chamam-se fascistas desde os governos do PSDB, em São Paulo, até a Polícia Militar. Essa generalização abusiva provoca bastante confusão, uma vez que impede a compreensão das verdadeiras características do fascismo e, portanto, a proposição de políticas e métodos adequados para se lutar contra ele.

O discurso de ódio de Bolsonaro contra um inimigo interno (LGBTs, indígenas, "esquerdistas" etc.); sua relação com militares e milícias criminosas; o incentivo dado às organizações fascistas; sua defesa da ditadura militar; o uso de símbolos nacionais para criar um corpo social unido e obediente ao líder supremo; tudo isso é logo identificado como sinais de que vivemos em tempos de ascensão do fascismo.

Porém, parece-nos oportuno resgatar algumas definições que caracterizam o fascismo para fazer uma comparação com Bolsonaro. Nesse sentido, apoiamo-nos nas definições de Leon Trotsky, o revolucionário russo que estudou de forma mais séria o fenômeno do fascismo. Trotsky foi herdeiro de um fecundo debate sobre o tema, iniciado nos três primeiros congressos da Internacional Comunista, que infelizmente foi interrompido com a sua stalinização. Contudo, ele retoma a discussão numa série de artigos escritos na década de 1930, durante a ascensão de Hitler, que estão reunidos na obra A luta contra o fascismo na Alemanha.

Sturmabteilung abreviado para SA, em alemão, Destacamento Tempestade. Depois que Hitler tomou o poder a milícia foi liquidada.

FASCISMO COMO EXPRESSÃO DA CRISE DO CAPITALISMO

O fascismo é um fenômeno político que expressa uma crise estrutural do sistema capitalista monopolista. Não por acaso, historicamente o fascismo surgiu numa época de profunda crise capitalista vivida na Europa nos anos 1920-30.

A crise é de todo o sistema e do regime político: uma crise econômica que impossibilita os capitalistas de obterem as mesmas taxas de lucro de antes, combinada com uma crise política que faz com que o regime político, a democracia liberal, seus partidos e instituições sejam percebidos pela população como cada vez mais corruptos e inúteis. A crise produz e exacerba a luta entre as classes sociais, com a burguesia tentando destruir e atacar direitos e conquistas da classe trabalhadora, enquanto esta resiste, mobiliza-se e se organiza a ponto de ameaçar todo o sistema capitalista.

Depois da Primeira Guerra Mundial, a Itália viveu uma crise como essa, que alimentou o surgimento do fascismo e a tomada do poder por Mussolini. A burguesia temia que a classe operária realizasse uma revolução socialista como na Rússia, em 1917.

Na Alemanha, a humilhação da derrota na guerra, a enorme crise social e a falência das instituições da democracia burguesa criaram um ambiente de ressentimento propício ao surgimento do nazismo. Somam-se a isso as duas derrotas da revolução socialista alemã (1919 e 1923) e a incapacidade de o Partido Comunista Alemão unir forças com a social-democracia numa frente única operária para deter a ascensão de Hitler.

Mussolini ladeado pelos Camisas Negras, sua milícia que enfrentava sindicatos de trabalhadores e camponeses do meio rural.

QUEM O FASCISMO RECRUTA

"O fascismo é um meio específico de mobilizar e organizar a pequena burguesia em defesa do interesse social do capital financeiro", dizia Trotsky. O fascismo recruta os setores da classe média para suas fileiras, a pequena burguesia arruinada e desesperada, que a crise estrutural do capitalismo atinge de forma dura. Provoca falência dos pequenos negócios, queda abrupta do nível de vida, inflação e desemprego em massa. Tais condições são propícias para que se geste em setores da pequena burguesia um misto de ressentimentos e preconceitos aliado ao discurso de "purificar a nação".

Mas o programa do fascismo é dos grandes monopólios capitalistas e do sistema financeiro. Esse programa não vai resolver nem defender os problemas da pequena burguesia. Ao contrário, foram os próprios monopólios capitalistas que mergulharam a pequena burguesia na raiva e no desespero.

Trotsky defende que revolucionários, movimento operário e popular lutem para ganhar setores da pequena burguesia para a sua luta. Em épocas de crises e de processos revolucionários, esse complexo setor social oscila entre a classe operária e a burguesia, entre a esquerda e a direita.

ORGANIZAÇÕES FASCISTAS

Uma organização fascista se caracteriza pela formação de milícias, mas não as "milícias" como as de Bolsonaro. O fascismo é um partido armado e de mobilização de massas que age como um exército paralelo às Forças Armadas, às polícias, ao exército etc.. Seu objetivo é demolir e desmoralizar todas as organizações operárias, dos trabalhadores em geral e tam-

bém da sociedade civil. Por isso apelam a métodos de guerra civil e vão para as ruas agredir trabalhadores, ativistas e mobilizações sociais, destruir sua imprensa, sedes de sindicatos, partidos e entidades da sociedade civil.

Na Itália de Mussolini, essas milícias eram conhecidas como camisas negras. Na Alemanha de Hitller, eram as SA, (Sturmabteilung em alemão, traduzida como "Tropas de Assalto") . Na Espanha, eram chamadas de Falange. É por meio da ação sistemática dessas milícias que uma organização fascista realiza ações diretas e demonstrações contra os trabalhadores.

FASCISMO É UM REGIME

Uma vez no poder, o fascismo impõe um regime político autoritário e ditatorial. Não qualquer tipo de ditadura, mas um tipo especial. Um governo autoritário ou uma ditadura militar "é um governo que se eleva por cima da nação", como dizia Trotsky, e tem como eixo a polícia, a burocracia e a camarilha militar. É um governo "do sabre como juiz-árbitro da nação", dizia.

Já uma ditadura fascista "é inconcebível sem que previamente a pequena burguesia se encha de ódio contra o proletariado". Uma vez no poder, sua missão é a liquidação total de todas as organizações da classe operária, dos movimentos sociais e da sociedade civil. É a supressão autoritária de organizações como todos os partidos, inclusive dos mais moderados, e da oposição liberal.

Desse modo, o fascismo é a última cartada da burguesia contra o movimento operário e os movimentos sociais populares. Quando esses movimentos se insurgem e ameaçam a ordem capitalista, a burguesia não hesita em detonar a democracia parlamentar para substituí-la pelo fascismo e seus métodos de guerra civil contra o proletariado.

Pela repressão brutal à classe operária, o fascismo pretende reduzi-la "a um estado de apatia completa e criar uma rede de instituições penetrando profundamente as massas para evitar toda cristalização independente do proletariado. É precisamente nisso que reside a essência do regime fascista".

Assim, a "missão histórica" do fascismo é transformar de forma radical as condições de produção e de extração da mais-valia em favor dos grandes capitalistas, eliminando toda a resistência da classe trabalhadora, por mais modesta que ela seja, e aumentando a exploração.

No entanto, uma vez no poder, o fascismo se apoia nas Forças Armadas do Estado para implementar sua ditadura. Como aconteceu na Alemanha, as próprias milícias são desmanteladas pelos líderes fascistas. Isso porque o fascismo não pode tolerar que a pequena burguesia continue armada e que seja uma ameaça ao seu poder. "Uma vez chegando ao poder, os dirigentes fascistas se veem forçados a amordaçar as massas que os seguem, usando para isso o aparato estatal", escreveu Trotsky numa formidável previsão sobre o destino das SA.

AUTODEFESA

Como se combate o fascismo

Trotsky defendia a unidade de ação e uma frente única operária como uma necessidade da classe operária para se defender fisicamente dos fascistas. Por isso, Trotsky dizia que "na luta contra o fascismo, estamos prontos a fazer acordos práticos de luta com o diabo e com sua avó".

Isso não significa fazer uma unidade eleitoral nem construir um projeto comum de país. Trotsky repetia que a classe operária deveria manter a mais absoluta independência do conjunto da burguesia e dos reformistas. Ao mesmo tempo, propunha uma unidade com eles para golpear juntos um inimigo comum e assim se defender. Sua máxima era "golpear juntos, marchar separados".

Com a frente única, propunha a formar grupos de autodefesa da classe trabalhadora e estabelecer um programa de sua defesa, com a organização de comitês de autodefesa para se defender fisicamente dos fascistas, em organizações operárias e populares e também nos bairros populares.

O BRASIL E O FASCISMO

O capitalismo decadente alimenta o surgimento de organizações fascistas e a tendência de governos mais repressivos contra os trabalhadores. Isso não só no Brasil, mas em todo o mundo, como vemos nos EUA e na Europa.

Por aqui, Bolsonaro encoraja organizações fascistas, articula um partido formado por milicianos, defende uma ditadura e ataca de forma sistemática as liberdades democráticas. A rigor, porém, não estamos sob um regime fascista ou "neofascista". Isso vai depender essencialmente da luta entre as classes sociais. No atual momento, cresce a indignação contra o governo, que não tem nenhuma correlação de forças para impor um autogolpe e uma ditadura fascista. Nem mesmo o seu partido Bolsonaro consegue organizar. Aliás, pesquisas indicam que a grande maioria da população repudia uma ditadura.

No entanto, não dá para baixar a guarda. É óbvio que o momento exige a defesa das liberdades democráticas, o combate aos grupelhos fascistas e bolsonaristas e ao projeto de ditadura de Bolsonaro. O momento exige também que setores dos trabalhadores organizem sua autodefesa, como, por exemplo, os profissionais de saúde que têm sido alvo de ataques de grupelhos fascistas. "Com o fascismo, não se discute. Com o fascismo, se combate", explicava Trotsky. E esse combate se faz com a classe trabalhadora organizada.

Depois de ser executado pelos patizans italianos, Mussolini é exposto na Piazzale Loreto em 1945.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3DBIHUS

INTERNACIONAL

Um processo revolucionário abala os EUA

LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT-QI)

Nos EUA, existe um processo revolucionário em curso. As massas tomaram as ruas e praças e enfrentaram a repressão policial numa gigantesca mobilização antirracista, depois do assassinato de George Floyd.

Essa mobilização, por sua dimensão e radicalidade, é historicamente inédita. Existe um processo revolucionário nos EUA, com características semelhantes às que surgiram em países semicoloniais como Chile, Colômbia, Iraque, Líbano, embora também com grandes diferenças e pelo fato de estar se dando no país imperialista mais poderoso do mundo.

Aquilo que sempre foi mostrado ao mundo como o modelo da sociedade agora aparece com sua verdadeira face: a grotesca dominação capitalista. Em primeiro lugar, porque o país mais poderoso do mundo vive uma crise brutal pela combinação entre racismo, repressão policial, pandemia e recessão econômica. Em segundo, porque as massas dos EUA se levantaram. O exemplo dessa mobilização, em pleno pico da pandemia, é para os explorados e oprimidos de todo o mundo. O imperialismo está mais fraco nesse momento. É possível lutar e enfrentar a dominação capitalista.

Esse é um estímulo importantíssimo no momento em que o mundo todo atravessa uma crise brutal devido à combinação da pandemia com a recessão econômica. No momento em que começa a se expressar novamente a possibilidade de retomada dos processos revolucionários que sacudiram o mundo no início do ano, o exemplo dos EUA pode ajudar a incendiar outros países.

O REI ESTÁ NU

O ódio contra o racismo e a repressão policial foram potencializados de maneira enorme pela crise econômica e pelos efeitos da pandemia. Os EUA, nesse momento, têm o maior número de contagiados e mortos pela COVID-19. As mortes (até agora) são mais que o dobro das ocorridas na guerra do Vietnã. As valas comuns em Nova Iorque são partes da mesma barbárie dos mortos nas ruas de Guayaquil, no Equador. A ausência de um sistema público de saúde afetou diretamente a população mais pobre. Não por acaso, a taxa de mortalidade para os negros é o dobro da dos brancos.

A recessão mundial que está iniciando nos EUA tem números que se aproximam da depressão de 1929 e podem ser ainda piores. A previsão é de queda de 14,2% no primeiro semestre deste ano. Mais de 40 milhões de pessoas pediram auxílio-desemprego. Existem 70 mil moradores de rua em Nova Iorque. Os salários dos negros são um terço mais baixos, e o desemprego é muito maior que entre os brancos.

VIOLÊNCIA POLICIAL

A violência policial contra os negros é expressão de um racismo onipresente nos EUA. As grandes lutas contra a segregação racial, em particular na década de 1960, conseguiram abolir as leis segregacionistas, mas não o racismo. O estado como um todo, nos EUA, é extremamente repressivo, com a maior população carcerária do mundo, em sua maioria negra.

A luta contra o racismo é inseparável da luta contra o capitalismo. Como dizia Malcom X: "Não existe capitalismo sem racismo." A grande burguesia utiliza o racismo para aumentar a exploração e jogar os trabalhadores brancos contra os negros.

PANELA DE PRESSÃO

É preciso lutar de forma dura contra o racismo e buscar trazer os trabalhadores negros e brancos como um todo para essa luta contra a exploração e a opressão. O exemplo da juventude branca presente nos atos dos EUA fica como mais uma lição dessas lutas.

O que explode agora lá é um acúmulo de décadas de exploração e opressão. É o capitalismo que ataca as massas de forma dura, uma panela de pressão, cuja combinação entre pandemia, recessão e racismo fez explodir. O rei está nu. O "sonho americano" é o mesmo pesadelo capitalista.

SEM AMARRAS

Sem o controle do Partido Democrata

Os negros são 13% da população dos EUA. As multidões nas ruas incluíram negros, brancos, latinos, asiáticos. Houve uma grande participação da juventude branca, que muitas vezes tomou a frente das mobilizações para evitar que os policiais seguissem matando negros. A explicação para a mobilização de conjunto é não só a sensibilidade contra a opressão racista, mas a crise social brutal dos EUA, que afeta as massas empobrecidas.

A burguesia reagiu assustada. Trump, raivoso, exigiu mais repressão dos governadores, ameaçou colocar o exército nas ruas. Os governadores e prefeitos do Partido Democrata diziam entender os motivos dos manifestantes. Tentavam canalizar a raiva da população para as eleições de novembro. Não deu certo. Mandaram a polícia, decretaram toque de recolher, exatamente como os republicanos. A repressão policial fez milhares de presos e vários mortos. Mas as pessoas não saíram das ruas.

A Casa Branca foi cercada por manifestantes furiosos, com um cenário de destruição nos quarteirões ao redor. As multidões nas ruas derrotaram o toque de recolher em muitas cidades.

CRISE NA REPRESSÃO

Os aparatos de repressão deram evidentes sinais de crise. Dirigentes e ex-dirigentes do Pentágono, incluindo vários generais, posicionaram-se contra Trump, questionando sua proposta de colocar as Forças Armadas para reprimir o povo.

Em muitas cidades, os prefeitos suspenderam o toque de recolher. A polícia teve de recuar muitas vezes perante multidões disposta ao enfrentamento. A indignação popular contra a repressão policial cresceu com força. Em muitos locais, começaram a aparecer policiais se juntando às manifestações, ajoelhando-se.

FÔLEGO

A crise do governo e do regime nos EUA são consequências da força da mobilização. Isso não vai acabar tão cedo, ainda que as mobilizações atuais refluam pelo cansaço, pela repressão e pela falta de uma direção revolucionária.

Em muitos países do mundo, em particular na Europa, deram-se grandes mobilizações de apoio às lutas nos EUA. Não é por acaso. Existem muitas situações semelhantes nestes países: além da pandemia e da recessão, também há opressão contra os negros e os imigrantes.

DESAFIO

O problema central da direção das lutas

Ao contrário da maioria das mobilizações do passado, as lutas de hoje não são dirigidas pelo Partido Democrata. A espontaneidade das mobilizações, como tem ocorrido em muitos processos revolucionários dos últimos anos, é a maior virtude das lutas nos EUA. Assim, não podem ser controladas pelos burocratas sindicais, pelos representantes do Partido Democrata. É também sua maior debilidade, por não ter uma direção revolucionária, não se organizar, não definir um programa, não apontar uma perspectiva definida.

Existem sinais de que o Partido Democrata tenta canalizar o processo para o parlamento e para as eleições. Os democratas apresentaram um programa no Congresso para limitar a repressão policial. Muitos parlamentos locais estão apresentando propostas de redução do financiamento policial. O conselho da cidade de Minneapolis propôs extinguir a atual polícia e montar uma nova. O setor do movimento Black Lives Matter cooptado pelo Partido Democrata também apresentou um programa limitado com sentido eleitoral. Joe Biden, candidato democrata, passou a frente de Trump nas pesquisas depois de tudo isso e promete que tudo mudará se for eleito.

Se conseguirem canalizar essas lutas para o processo eleitoral, mais uma vez os democratas conseguirão esterilizar esse processo fantástico.

É necessário fazer avançar a auto-organização e a autodefesa nos bairros e nas mobilizações para enfrentar a repressão. É preciso impulsionar os setores dos trabalhadores organizados e da juventude ao lado das manifestações de rua.

É preciso um programa de emergência que parta das lutas contra o racismo e a repressão para avançar em direção a uma resposta revolucionária à pandemia e à crise econômica. É necessário lutar de forma dura para derrotar o governo Trump nas lutas diretas das massas, sem esperar pelo processo eleitoral, sem confiar nos democratas! É preciso lutar por um governo dos trabalhadores nos EUA!

ACESSE

VEJA AQUI AS ENTIDADES QUE JÁ ENVIARAM APOIO:

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3EBTR3F

#SEBASTIÁNROMERO!

Liberdade para Sebastián Romero

A solidariedade à liberdade de Sebastián Romero ganha força pelo país. Sebastián é metalúrgico e militante do PSTU argentino, preso no Uruguai no dia 30 de maio. Ele está sob custódia da polícia uruguaia e da Interpol devido ao mandado de prisão contra ele na Argentina. O pedido de libertação imediata e/ou prisão domiciliar foi negado, sendo determinada a sua transferência para uma prisão.

A acusação contra Sebastián é sua participação no dia 18 de dezembro de 2017 numa manifestação com milhares de argentinos em frente ao Congresso, que foi duramente reprimida pela polícia. O saldo daquele dia foram dezenas de feridos, e muitos perderam a visão, numa situação completamente fora de controle, como toda a imprensa nacional expressou.

Apesar de os trabalhadores argentinos terem sido alvo de uma brutal repressão, a polícia e a grande mídia, de forma maldosa, fizeram uma campanha de criminalização da mobilização, acusando-os de usar "armas caseiras de guerra" (paus, pedras e fogos de artifício). Tudo para aprovar a nefasta reforma que atacou a aposentadoria dos trabalhadores.

Sebastián foi usado pelo então governo de Mauricio Macri para desmoralizar a mobilização popular contra o ajuste e desde então é perseguido. Com mandado de prisão e até oferta de recompensa, foi obrigado a se exilar.

A prisão de Sebastián o torna um preso político, o que é inadmissível numa sociedade que se pretende democrática.

Faça parte da campanha!

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3FWGBQQ

mural

75 ANOS DE IVAN LINS

"Cutucou por baixo, o de cima cai"

Ivan Lins completou 75 anos em 16 de junho. Certamente é um dos cantores e compositores mais marcantes do país e produziu obras que vão muito além de trilhas românticas de telenovelas. Seus discos dos anos 1970 são memoráveis, mas infelizmente desconhecidos da maioria do grande público de hoje.

A começar pelo primeiro, o álbum Agora (1970), no qual se vê um Ivan Lins interpretando canções de uma forma definitivamente nada melosa. O disco começa com a canção "Salve, salve", um vibrante gospel negro estadunidense. Nas canções seguintes, o cantor imprime uma interpretação visceral, com uma voz agressiva, como se ainda estivesse defendendo uma canção em um festival musical. Foi, aliás, no V Festival Internacional da Canção que o artista obteve o primeiro sucesso, com a canção "O amor é o meu país", e em seguida a fama com "Madalena", gravada por Elis Regina. O grande maestro Arthur Verocai foi quem fez todos os arranjos do primeiro disco, mesclando blues, soul, jazz, entre outros ritmos, o que resultou numa obra que surpreende até mesmo aqueles que não são muito chegados ao estilo atual do cantor.

A década ainda seria marcada por excelentes álbuns, repletos de muitas críticas contundentes explícitas contra a ditadura militar ou mesmo veladas para driblar a censura, como são os álbuns Modo Livre (1974), Somos Todos Iguais Nesta Noite (1977) e Nos Dias de Hoje (1978). O último traz uma capa que é uma provocação. Nela, Ivan aparece sem camisa, numa foto similar às tiradas de quem era preso pelo regime. Na parte interna da capa dupla, seu parceiro musical, Vitor Martins, surge em foto parecida. É nesse disco que está "Cartomante", canção que predestinava a queda dos generais: "Cai o rei de Espadas / Cai o rei de Ouros / Cais o rei de Paus / Cai, não fica nada". O disco foi todo arranjado pelo sublime maestro carioca Gilson Peranzzetta.

Seu melhor trabalho na época foi certamente o álbum A Noite, no qual realiza um incrível equilíbrio entre o lírico, o dolorido, o militante e a esperança. Faixas como "Desesperar, jamais", que acalenta a expectativa pelo fim da odiosa ditadura, entrelaçam-se com a dor de "Começar de Novo" e "Saindo de Mim". Encontram-se com "Te Recuerdo Amanda", de Victor Jara, compositor chileno assassinado pela ditadura de Pinochet no Chile, e a espetacular "Antes que seja tarde": "Com força e com vontade / A felicidade há de se espalhar / Com toda intensidade".

Em meados dos anos 1980, Ivan Lins seguiu outros caminhos que, talvez, não tenha agradado a todos. Contudo, até hoje ele um dos compositores brasileiros mais reconhecidos internacionalmente. Suas músicas foram gravadas por gente como Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Quincy Jones e George Benson, prova mais do que absoluta de sua excelente qualidade musical. Além de tudo, é um acalanto escutar algumas das suas canções daquela época. Ensinam-nos que, apesar de tudo, é só cutucar por baixo que o de cima cai.

PANDEMIA

Bolsonaro incentiva invasão a hospitais públicos

Bolsonaro não para com seu show de atrocidades. Recentemente, publicou um vídeo no qual incentiva as pessoas a invadirem hospitais públicos e de campanha durante a pandemia para filmar a oferta de leitos. "[Se] Tem hospital de campanha perto de você, hospital público, arranja uma maneira de entrar e filmar. Muita gente está fazendo isso e mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não. Se os gastos são compatíveis ou não. Isso nos ajuda", disse o presidente.

Desde então, repetidos episódios de invasões de hospitais com o propósito de filmar os leitos têm acontecido. Um deles ocorreu quando um grupo de vereadores bolsonaristas de Fortaleza tentaram invadir o hospital de campanha do estádio Presidente Vargas, que recebe pacientes com coronavírus na capital cearense. Parlamentares capixabas também invadiram Hospital Dório Silva, no município de Serra (ES). Sabe o que eles encontraram? Leitos ocupados e muita gente sofrendo.

RAIMUNDO, PRESENTE!

Trabalhador da Imbel morre vítima de COVID-19

O trabalhador da Imbel de Itajubá (MG), Raimundo Lourenço Simões, faleceu no dia 13 de junho devido a complicações decorrentes da COVID-19. Lourenço estava internado desde o dia 7. Ele deixou esposa, dois filhos e muitos amigos com os quais conviveu na empresa, onde trabalhou por mais de 15 anos.

Ele é uma das mais de 40 mil vítimas da COVID-19 em todo o Brasil. Por trás das estatísticas de milhares de mortos existem rostos, famílias, amigos e tantas vidas interrompidas precipitadamente.

Lourenço será lembrado como uma pessoa muito justa que lutava pelos direitos dos que trabalhavam com ele. Por tudo isso que ele representava para seus colegas de trabalho, não poderíamos deixar de denunciar a postura omissa da Imbel que não comunicou os trabalhadores que ele estava internado e sequer tomou qualquer atitude para garantir o isolamento social dos trabalhadores.

Por isso, precisamos transformar o luto em luta! Não podemos permitir que mais nenhum trabalhador tombe!